

MASSIFICAÇÃO

Ernesto Rosa

Sempre gostei de viver a mil por hora. Temos só uma vida e é preciso aproveitá-la. Viver o hoje, esbanjar energia. Carpe Diem. Fazer o que gosta. Sempre vivi assim! Quando criança brincava muito, fazia meus brinquedos, nadava em córregos, subia em árvores, fuçava para todo o lado. Na adolescência, dançava, namorava, curtia som, contestava valores.

Viver a mil por hora é fazer o que gosta, mas decidir do que gostar. A maioria dos nossos valores não nasce com a gente. São construídos. Assim, quando adolescente aprendi pela mídia que ser adulto é ser boêmio, dispersivo, fútil, audaz na quebra de comportamentos e não na ordem instituída, coisas assim. Quando percebi que isso não levaria a lugar nenhum, decidi que quem escolheria do que eu iria gostar seria eu mesmo. Eu seria dono dos meus gostos, dos meus valores e do meu destino. Foi uma luta para encontrar o meu caminho, mudar os meus valores, sair do massivo. Acho que, em boa parte, consegui.

Decidi que, para mim só serviria o melhor já produzido no mundo. Mas foi difícil encontrar os melhores do mundo, porque a mídia faz uma inversão de valores. Então decidi guiar-me pelos livros de história.

Para a música, comprei uns dez livros de sua história. Lá estavam Bach, Beethoven, Schubert e isso decidiu meu gosto. Corri atrás, lutei e descobri um mundo impressionante. Foi assim que fique de posse do mais culto já produzido em música nesse mundo desde o Renascimento. Essa busca me deu muito prazer. Prazer de lutar, encontrar algo de muito valor, prazer do novo e, principalmente, prazer de não aceitar passivamente a massificação, a uniformização. Escuto as melhores músicas de cada século, de cada povo e que estão nos livros de história da música universal. Não mais parei, até hoje, a mil por hora.

A melhor literatura, a melhor pintura, os grandes filósofos, os grandes economistas, os grandes cientistas. Não me serve o efêmero consumível, mas o perene e histórico. Elitismo? Sim! Um elitismo cultural. Infelizmente a grande população não tem acesso ao melhor já produzido e nem sabe o que estão perdendo e o preço que pagam por isso! A idéia é essa: Cultura é elitismo. Para o povo, qualquer coisa serve. Por que será?

Desse modo, não tenho sequer um canal de tevê para ver. Um canal que tenha nível melhor que o meu. Ver tevê seria andar para trás. Quero ir para frente, sempre, a mil por hora. Não quero me igualar aos mega astros, super stars, estrelas brilhantes, deuses da televisão, cinema e esporte profissional, que ganham um trilhão de dólares por dia e são as pessoas mais famosas, "ousadas" e importantes do universo, pico da evolução humana. Ao contrário, gosto de correr atrás de pessoas quase desconhecidas, como Piaget, que desenvolveu a psicogenética. Procuo Beethoven, Gauss, Marx, Darwin, Modigliani, Einstein e outros.

Viver a mil por hora é se apoiar, com emoção, no melhor já produzido em todo o mundo, para planejar o futuro. E é preciso mil por hora, mesmo, porque já foi produzido muito conhecimento de ponta, no mundo. O ser humano possui passado, presente e futuro. Quem possui apenas o hoje, regrediu na escala evolutiva. Viver o hoje é trabalhar o passado, presente e futuro.